



# Velhas Queixas, um Novo Cenário.

Thais Gomes do Amaral  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
São Paulo, 2020



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>2</b>
1.1	Objetivo . . . . .	2
1.2	Metodologia de Pesquisa . . . . .	2
<b>2</b>	<b>Caracterização das escolas</b>	<b>4</b>
2.1	Carapicuíba . . . . .	4
2.1.1	A Escola da Periferia . . . . .	5
2.1.2	A escola do Centro . . . . .	6
2.1.3	Periferia X Centro . . . . .	8
2.2	São Paulo . . . . .	8
2.2.1	A escola de Moema . . . . .	9
<b>3</b>	<b>Entrevistas</b>	<b>11</b>
3.1	Carapicuíba . . . . .	11
3.2	São Paulo . . . . .	13
<b>5</b>	<b>Análise Comparativa e Conclusão</b>	<b>22</b>
<b>6</b>	<b>Referências</b>	<b>26</b>



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Objetivo

O objetivo inicial deste trabalho era avaliar o desempenho das crianças do grupo de inclusão no ensino a distância em decorrência da pandemia mundial do coronavírus (COVID-19) em 2020. Porém com as escolas fechadas não foi possível entrevistar professores com alunos neste perfil. O foco da pesquisa mudou, o tema central passou pelas estratégias utilizadas nas escolas públicas e privadas para enfrentar o fracasso escolar em tempo de pandemia.

Dentro dessa hipótese, o objetivo era analisar algumas questões relevantes, como:

- a) se o desempenho de crianças com dificuldades de aprendizado havia diminuído nesse momento de ensino remoto;
- b) que alunos com dificuldades prévias de aprendizado tiveram reações heterogêneas ao ensino à distância mas, como tendência, tiveram uma piora significativa em seu desempenho.
- c) que não poderíamos assegurar o aprendizado de alunos em tempo de ensino remoto e não deveríamos usar os mesmos critérios de análise de seu desempenho.
- d) o papel da psicologia diante desse novo cenário

## 1.2 Metodologia de Pesquisa

Para a primeira parte do trabalho, duas professoras de escolas públicas da cidade de Carapicuíba, localizada na Região Metropolitana de São Paulo, foram entrevistadas. Ambas lecionam para o Ensino Fundamental I, porém, uma trabalha em uma escola localizada na periferia da cidade e a outra docente, em uma escola situada na região central.



Na segunda etapa, a entrevista foi realizada com duas professoras, uma de 4º ano e a outra de 5º ano do Ensino Fundamental I de uma escola privada de Moema, um bairro de alto poder aquisitivo, em São Paulo.

A análise das entrevistas foi realizada utilizando como base teórica os textos indicados na disciplina PSA1608 Psicologia e educação e outros materiais relevantes que podem ser consultados nas referências bibliográficas.



## 2 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

### 2.1 Carapicuíba

A população do município de Carapicuíba, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, divulgado em 1 de dezembro de 2010, apresenta os seguintes dados:

O IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) é de 0,749, para efeito comparativo, o líder do ranking é São Caetano do Sul, com IDHM de 0,862 e o último do ranking é Melgaço, no estado do Pará, com IDHM de 0,418.

De acordo, com o site do IBGE, esse índice é apresentado de forma crescente para Carapicuíba, em 1991 era de 0,519 e em 2000 o resultado subiu para 0,644. A estagnação desse índice, sugere que o município esteja enfrentando possíveis problemas, que podem ser econômicos ou dificuldades no desenvolvimento de políticas públicas que assegurem um eficiente acesso à saúde, educação e bem-estar social. Mas, de acordo com os números apresentados, a cidade vem evoluindo a cada senso.

O PIB per capita do Município em 2017 foi R\$ 13.854,10, no mesmo período o índice de sua vizinha Osasco foi de R\$ 111.637,85.

O município possui 57 escolas estaduais, 6 escolas municipais de Ensino Fundamental, 36 creches/pré-escola distribuídas ao longo da cidade. Para o Ensino Superior, conta com a FALC -Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, a FNC- Faculdade Nossa Cidade (incorporada à Estácio), a ETEC e a FATEC de Carapicuíba. A área vem recebendo vários investimentos, como a reforma geral das atuais escolas municipais com quadras cobertas, construção de 16 creches por meio do programa Proinfância do Governo Federal, e construção de um Serviço Social da Indústria na Vila Gustavo Correia.



A taxa de escolarização do grupo etário de 6 a 14 anos é de 96,2 % e não destoa muito, ao ser comparado com a taxa das cidades vizinhas, onde Osasco figura com 96 %, Barueri com 97,8 % e Jandira 96,9 %.

### 2.1.1 A Escola da Periferia

Nesta escola a média de alunos matriculados é 1382 divididos em três turnos: manhã, tarde e noite e atende a população escolar de Ensino Fundamental até o Médio.

O quadro abaixo apresenta a média de alunos por sala:

Série		Quantidade de classes	Média de alunos por sala
1°	Fundamental	4	29
2°		4	32
3°		4	29
4°		4	31
5°		4	32
6°		4	35
7°		4	29
8°		4	30



9º		4	24
1º	Médio	4	35
2º		2	28
3º		3	34

A escola é composta por 20 salas de aulas, sala de diretoria, sala para os professores, secretaria, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, cozinha, sala de leitura, banheiro, refeitório, despensa, almoxarifado, pátio coberto e pátio descoberto e oferece alimentação para os alunos.

A escola não possui biblioteca, laboratório de ciências e não possui sala de atendimento especial. As dependências da escola não são acessíveis aos portadores de deficiências.

### 2.1.2 A escola do Centro

Nesta escola a média de alunos matriculados é de 1820, divididos em três turnos: manhã, tarde e noite e atende a população escolar de ensino fundamental e EJA.

O quadro abaixo apresenta a média de alunos por sala:

Série		Quantidade de classes	Média de alunos por sala
1º		4	30



2º	Fundamental	3	33
3º		3	33
4º		3	32
5º		3	33
6º		4	38
7º		4	38
8º		4	37
9º		4	38
EJA		5	35
EJA - Ens. Médio		11	48

A escola é composta por 16 salas de aula, sala de diretoria, sala para os professores, secretaria, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, cozinha, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, porém as dependências da escola não são acessíveis aos portadores de deficiências, há um refeitório, despensa, almoxarifado, pátio coberto e pátio descoberto e oferece alimentação para os alunos.

Não há biblioteca e nem sala de leitura. Não há laboratório de ciências. A escola não possui sala de atendimento especial.



### 2.1.3 Periferia X Centro

Com base nos resultados da Prova Brasil 2017, sendo possível calcular a proporção de alunos com aprendizado adequado à sua etapa escolar, fizemos uma comparação desses índices entre as duas escolas. Incluímos nesta comparação as demais escolas estaduais de Carapicuíba, as escolas estaduais do Estado de São Paulo e as estaduais do Brasil.

A escola localizada no Centro de Carapicuíba apresentou índices muito melhores que os da escola da periferia, de sua cidade do Brasil. Em relação ao Estado de São Paulo, ficaram praticamente na média. Os índices da escola da periferia, por sua vez, são bem menores que todos os demais.

Avaliação	Série	Disciplina	Escolas Estaduais				
			Escola do Centro	Escola da periferia	Cidade de Carapicuíba	Estado de São Paulo	Brasil
Aprendizado Adequado	5º ano	Português	72%	55%	66%	70%	64%
Aprendizado Adequado	5º ano	Matemática	63%	48%	57%	62%	52%

## 2.2 São Paulo

A população da cidade de São Paulo, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE divulgado em 1 de dezembro de 2010, apresenta os seguintes dados:



O IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) é de 0,805, o 23º no ranking nacional de municípios.

De acordo com o site do IBGE, esse índice é apresentado de forma crescente para São Paulo: em 1991 era de 0,626 e em 2000 o resultado subiu para 0,733. O crescente valor para a cidade demonstra a posição da capital paulista como centro de investimentos, mas definitivamente não reflete a realidade de uma cidade com uma polarização muito grande entre regiões centrais e periféricas em termos de educação.

O PIB per capita da cidade em 2017 foi R\$ 57.759,39, o que nos mostra um grande contraste com Carapicuíba, um município que se encontra a menos de 20km de distância.

O município possui ao menos 554 escolas municipais de Ensino Fundamental, demonstrando aqui também uma grande discrepância quanto aos valores de Carapicuíba.

### 2.2.1 A escola de Moema

Os dados são de uma escola privada, localizada no bairro de Moema, em São Paulo. Localizada em um bairro de alto poder aquisitivo, é normal que pais levem seus filhos à escola de carro ou a pé, dada a tranquilidade de se circular pelas ruas bem cuidadas e arborizadas. A média de alunos matriculados é de 854 e atende alunos do Infantil 4 ao 8º ano, com previsão de abertura de uma turma de 9º em 2021. A mensalidade da escola é, em média, de R\$7.500,00.

O quadro abaixo apresenta a média de alunos por sala:

Série		Quantidade de classes	Média de alunos por sala
IF4		8	13
IF5		8	12



1°	Infantil, Fundamental I e II	4	25
2°		4	24
3°		3	30
4°		3	32
5°		3	32
6°		3	30
7°		2	25
8°		3	12

A escola é composta por 49 salas de aula, sala de diretoria, salas para os professores, secretaria, laboratórios de ciências, sala Maker, estúdios de artes visuais e digitais, sala de música e dança, quadra de esportes coberta, cozinha, refeitório, biblioteca, auditório, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, despensa, almoxarifado, pátio coberto e pátio descoberto e oferece alimentação para os alunos.

A escola não possui sala de atendimento especial.



## 3 ENTREVISTAS

### 3.1 Carapicuíba

O questionário foi enviado por e-mail e recebemos a resposta através do *WhatsApp*. Esse modelo foi insatisfatório, pois através das respostas, muitas outras dúvidas surgiram, mas não foi possível sanar todas, mas alguns retornos por áudio ou escritos no *WhatsApp* foram recebidos. As professoras que se disponibilizaram a colaborar com este trabalho, não dispunham de agenda para uma conversa através das ferramentas *Google Meet* ou *Zoom*.

A professora Carmem é docente na escola localizada na periferia da cidade, e sua turma é de estudantes do 4º ano, mas segundo ela, o nível dos estudantes equivale ao 2º do Fundamental I. Ela não vai mais lecionar nesta instituição, mas continuará assessorando as famílias até o final do ano letivo.

A professora Sandra, leciona na escola do Centro e sua turma é de estudantes do 3º ano do Fundamental I.

Comparando as duas entrevistas, é nítido que as escolas, mesmo com índices de avaliação e localização tão diferentes, estão sofrendo com os mesmos problemas na pandemia.

Não há utilização de recursos online para esses alunos. Poucos dispõem de acesso para acompanhar as aulas e, geralmente, esse público não é composto pelos alunos que apresentam baixo desempenho.

As crianças com dificuldade de aprendizagem são aquelas cujas famílias apresentam maior vulnerabilidade social. Segundo a professora Sandra, elas poderiam até apresentar interesse se tivessem acesso aos dispositivos e a professora Carmem confirma, quando afirma que não há devolutiva das estratégias adotadas, principalmente porque esses alunos não têm acesso às mídias necessárias.



Não há um modelo de avaliação diferenciado para essas crianças, a avaliação é a mesma para todos e fica a cargo do professor ter um olhar diferenciado sobre a evolução da aprendizagem utilizando outros recursos.

O Estado tem uma avaliação própria, AAP, que avalia bimestralmente esse desempenho. Porém, os professores realizam provas mensais através de formulários online. Nesse formato houve uma participação muito expressiva, para a escola localizada no Centro, mas o ponto negativo é que não sabem se foi a criança que respondeu. Na escola da periferia, alguns alunos não conseguem acessar o Google Forms, pois não havia um dispositivo compatível disponível para acessar essa tecnologia. Também existe um trabalho de conscientização, falando que o aluno deve realizar a avaliação e trabalhos sem a mediação de um adulto.

É notório que o desempenho escolar tem sofrido uma queda com o ensino remoto, segundo as professoras. Crianças sem acesso à internet, ficaram mais distantes do ensino aprendizagem, principalmente considerando os alunos da fase de alfabetização que são mais dependentes.

Os alunos que não apresentavam baixo desempenho, têm mostrado uma grande desmotivação em relação aos estudos, porém, os estudantes que têm apoio da família continuaram produzindo dentro do mínimo exigido, mas é uma minoria.

A falta de motivação foi levada em consideração no desenvolvimento avaliativo e em todo o processo do ensino remoto. A professora Sandra, tem feito um trabalho intensivo de motivação sempre valorizando cada participação, mas é bem delicado, muitas famílias estão passando por situações de necessidades básicas, e ela deixa o seguinte trecho como reflexão: “Como exigir desempenho se falta o alimento ou até mesmo o pai ou mãe, por não terem vencido a Covid?”.

O papel das famílias também foi considerado neste ponto. A família faz toda a diferença no incentivo e responsabilidade: considerando que são muito pequenos, a ausência do professor é crucial, pois eles dependem de alguém auxiliando o tempo todo. Muitos alunos bons demonstraram baixa autoestima devido ao longo período de distanciamento às rotinas escolares.



Na escola da professora Sandra, não foi adotada nenhuma estratégia para ajudar as crianças com dificuldade escolar, os professores que são os grandes heróis, fazendo o impossível para tentar alcançar a todos. Já na escola da periferia, algumas ações foram executadas, mas sem retorno, principalmente porque esses alunos não têm acesso tecnológico. Poucos são os pais que colaboram com esse novo modelo de ensino - geralmente são os que já acompanhavam presencialmente. Muitos alunos estão passando o dia na casa de cuidadores, avós e não conseguem ter o mesmo apoio, pois os pais saem muito cedo para trabalhar e voltam somente à noite, em alguns casos o grau de instrução dos pais é inferior ao dos filhos.

### 3.2 São Paulo

Essas entrevistas foram feitas via *Zoom*, em uma chamada com as duas professoras – Andréa e Úrsula, docentes no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental Ina escola de Moema. Vale notar que a escola em questão divide os anos finais do Ciclo Fundamental I entre professores semi-especialistas: um professor responsável por Português, História e Geografia, um de Ciências e um de Matemática e Programação Computacional.

Com o começo da quarentena escolar no dia 16 de março, as professoras tiveram dois dias de interrupção nas aulas para planejamento, mas as aulas voltaram de forma assíncrona já no dia 18. A escola conta com um departamento de Tecnologia Educacional muito grande, o que permitiu uma adaptação curricular rápida ao modo remoto de aulas. Através do sistema *Canvas* de ensino, as professoras puderam já iniciar aulas *online* com pouca perda de conteúdo.

No mês de abril, já começaram as aulas síncronas, o que permitiu que as professoras conduzissem a aula de forma mais natural e fizessem tomadas avaliativas mais frequentes com os alunos. Trabalhos entregues e quizzes feitos de forma online direto no sistema permitiram uma avaliação contínua dos alunos e uma ação mais imediata em cima das dificuldades pedagógicas.

No entanto, mesmo com um olhar mais frequente na presença e participação dos alunos em aula, assim como sua compreensão dos conteúdos passados, diversos alunos



demonstraram dificuldade em se apropriar de uma nova rotina na qual sua própria atividade e independência eram testadas a cada dia.

Aulas de retomada de entregas pendentes e algumas aulas de reforço foram oferecidas, mas apenas das matérias centrais (Português, Matemática e Inglês). Dessa forma, a matéria dada pelas professoras sofreu uma série de adaptações de expectativas, por não poderem garantir o aprendizado de diversos tópicos da forma em que poderia ser feita no ensino presencial. Ademais, a falta do laboratório afetou a matéria, que é dada de forma investigativa na escola.

O aproveitamento dos alunos nas matérias foi avaliado de forma qualitativa no primeiro semestre, seguindo a inicial série de adaptações feitas para o período de pandemia. No segundo semestre, as matérias já começaram a avaliar os alunos de forma quantitativa, com notas e avaliações, mas os instrumentos avaliativos começaram a avaliar as grandes expectativas, ao invés de pequenos tópicos de conhecimento. Desta forma, ao invés de avaliar, por exemplo, o domínio dos alunos sobre os nomes e posições das fases da Lua, foi avaliada a compreensão deles sobre como o movimento da Terra ao redor do Sol e da Lua ao seu redor causam mudanças observáveis no satélite.

Além do aspecto pedagógico, a escola também promoveu encontros semanais para conversas de acolhimento com alunos que sentiam falta do momento de interação com os colegas e professores no pátio e corredores. Assim, o aspecto socioemocional dos alunos, que havia sofrido um grande baque com a determinação da quarentena, pôde ser trabalhado. No entanto, o ambiente virtual promoveu o surgimento de eventos de *cyberbullying* e desânimo frente à tela do computador.

O papel das famílias foi fundamental neste momento. Os pais que já faziam um esforço de participar na vida escolar dos filhos passaram a se dedicar mais ainda à educação deles em casa, o que causou um efeito sensível na estabilidade psicológica dos alunos no ano de 2020. Por outro lado, diversas famílias tiveram dificuldades em se ajustar a esse momento, por fatores muito diferentes. Algumas famílias se separaram, em decorrência do trabalho dos pais como médicos, o que forçou os filhos a isolarem-se na casa de avós que não poderiam ajudar com as questões tecnológicas, enquanto outras se mudaram para cidades no interior ou para resorts de férias, onde o acesso à escola não era possível, nem prioridade. É fácil notar,



dado o poder aquisitivo das famílias dessa escola, que muitos alunos também são ajudados pelas babás ou funcionárias domésticas, que frequentemente aparecem na câmera nas videoconferências.

Mesmo com um acesso à escola que não sofreu grandes interrupções, diversos alunos apresentaram casos de depressão ou ansiedade no período de ensino à distância. Outros sofreram um declínio em suas habilidades de interação social perceptíveis quando a escola voltou a oferecer períodos de encontros presenciais na escola, a partir da determinação da prefeitura de que atividades extracurriculares poderiam ser oferecidas de outubro em diante.

Como determinação da escola, nenhum aluno seria retido no ano de 2020, refazendo a série em 2021. Ainda não foi proposto um modelo de reforço e retomada dos conteúdos de 2020 para alunos com dificuldades pedagógicas resultantes do ensino remoto de 2020.



## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REFLEXÕES

Maria Helena Patto (1997) faz uma panorâmica da definição de fracasso escolar e suas justificativas históricas e sociais. Dados estatísticos mostram que uma alta porcentagem dos alunos em idade escolar não têm aproveitamento significativo que reflita uma educação de qualidade. No entanto, é fácil apontar características em comum aos alunos que apresentam essa falta de rendimento:

...antes, trata-se de uma incapacidade crônica dessa escola de garantir o direito à educação escolar a todas as crianças e jovens brasileiros, independente de sua cor, de seu sexo e de sua classe social.

Desta forma, podemos encontrar a maioria desses alunos em grupos marginalizados pela sociedade capitalista. Em uma análise comparativa, podemos ver o investimento entre os recursos e adaptações realizados por escolas públicas e privadas na gestão do ensino remoto durante a pandemia de 2020.

Em seu ensaio, Patto, dá uma visão geral das explicações históricas dadas para esse fracasso específico e restrito a uma classe social. No início, o fracasso era explicado por afirmações racistas e médicas e depois por motivos “intelectuais e psicológicos” que acometeriam apenas aquela fatia da sociedade e, por fim, uma carência cultural que impediria tais alunos de obter aproveitamento escolar ideal devido ao seu núcleo familiar. As minorias não poderiam equipar as crianças com uma base cultural suficiente para que aquele aluno construísse em cima. Tal justificativa ainda hoje é exaltada por grupos que afirmam que as oportunidades são as mesmas para todos, sendo apenas uma questão de esforço intrínseco à obtenção de um diploma de escola.

É quase cômico notar que todas essas justificativas colocam a crítica na família e na criança, não na instituição que não soube acolher um setor específico da sociedade e não levando em consideração que é a própria construção da escola da forma que a conhecemos que exclui esse aluno.

É muito difícil para a criança de periferia. Põe aí pe-ri-fe-ria, porque a gente sabe a bagagem que a criança traz de casa.



Seja pela falta de cultura de base ou pela falta de apoio familiar, pelos maus exemplos dados no ambiente em que circulam ou apenas por uma falta de capacidade, tais justificativas situam um jovem dessa classe como um modelo fadado ao fracasso, cuja escola não tem chance de suceder em seu trabalho de educar.

Certamente, nos dias de hoje, há uma maior compreensão de onde o fracasso escolar vem. No entanto, ainda é facilmente reconhecível na sociedade o discurso acima.

Também é fácil encontrar a justificativa do fracasso escolar dos alunos de classes baixas na baixa qualidade do ensino, porém não é o corpo docente o responsável. Muitas vezes os professores entraram no meio educacional através de uma formação já falha, na qual essas justificativas das quais falamos são usadas como base. Desestimulados e pouco apreciados pela sociedade em si, com baixo investimento na melhoria da educação nacional, os professores do ensino público tendem a manter-se estagnados em uma profissão de pouca realização. Muitas vezes, porém, reproduzem o discurso de incapacidade da família em suprir as faltas do aluno. A culpa é da mãe que não estudou e não sabe ajudar, do pai que não vem às convocações dos professores, da família em geral que não atinge as expectativas da família correta.

Também, pudera, as mães estão cheias de amantes! Eu disse ‘de amantes’ e não ‘diamantes’.

Podemos notar a dedicação das famílias para manter essas crianças na escola, muitas vezes com alto custo pessoal. Famílias que se desdobram em estratégias para permitir a compra de materiais e uniformes, tempo de estudo e alimentação correta. Neste momento de pandemia, tem sido muito comum ver alunos de classes baixas que, apesar de todo o esforço familiar para o contrário, não conseguem se manter atualizados com a matéria, desta vez devido à falta de acesso à internet ou materiais de estudo. Além disso, é de se notar que o ensino remoto para a rede pública começou depois de quase dois meses de hiato a partir do começo da quarentena em março. Se os efeitos da pandemia e do ensino remoto serão sentidos nessa geração de alunos até que encerrem o Ensino Médio, é de se imaginar que tais efeitos serão muito mais representativos nas classes baixas que, essencialmente, perderam um



ano letivo na incapacidade do governo de prover uma educação que atinja e acolha toda a população independentemente de seu acesso a ferramentas digitais.

Ainda não podemos afirmar como será o futuro, mas de acordo com o parecer nº 19, do Conselho Nacional de Educação (CNE), o MEC autoriza aulas não presenciais até dezembro de 2021, o que nos leva a pensar que os desafios escolares e da própria Psicologia Escolar também serão grandes, uma das críticas neste campo é a importância de pesquisar os fenômenos educacionais a partir dos processos que acontecem no interior da escola, se antes da pandemia essa análise já era complexa, após esse período e caso ele se estenda, esse interior da escola passa a ser muito mais amplo. Quantas novas razões surgirão para justificar o fracasso escolar e como o psicólogo escolar vai atuar daqui para frente? Onde e como fará para atuar em seu novo campo de trabalho?

Houve uma retração na admissão de psicólogos na área da educação, pública e privada. Mas recentemente (outubro de 2020) foi noticiado que a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo contratará mil psicólogos para atuar neste contexto de pandemia, atendendo cerca de 3,5 milhões de estudantes e 250 mil professores e servidores do Estado de São Paulo.

O secretário da educação do Estado de São Paulo explica que as escolas serão responsáveis por planejar como será usado o tempo disponível dos profissionais contratados pelo programa. A escola poderá utilizar o tempo deste profissional para formação, orientação, para melhoria do próprio planejamento, e para um caso pontual. O secretário também orienta os pais para procurarem a escola para se utilizarem do programa, caso identifique algum caso de abuso dos seus filhos.

É uma boa iniciativa do Governo em querer cuidar dessa população, o secretário da educação afirma que houve um aumento de casos de doenças e transtornos mentais, como depressão, entre alunos com o isolamento social e essas ocorrências atingem também os professores e outros servidores. Mas a função do Psicólogo não pode ser resumida a este papel, nenhuma matéria pesquisada, explica como a escola e os próprios psicólogos estão se planejando para os casos de fracasso e baixo desempenho escolar, também não falam por quanto tempo essa contratação irá vigorar. Entendemos que os problemas escolares trazidos



pela Covid-19, vão além das doenças e transtornos psíquicos, que são sérios (é claro), mas a atuação do psicólogo dentro de uma instituição de ensino pode e deve ir mais além, considerando que os resultados deste isolamento não serão, todos, conhecidos agora.

No VIII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, realizado em 2007, a Dra Marilene Proença Rebello de Souza, aponta que “será necessário, cada vez mais, lutar pela importância de compreender a queixa escolar não como mero reflexo de problemas emocionais, mas sim como fruto das relações escolares e rever o processo diagnóstico e seus instrumentos de avaliação, sob pena de darmos destinos que vão constituindo um indivíduo que se distancia cada vez mais de sua condição de ser humano e ser de direitos.” Portanto, neste período e no pós pandemia, é necessário, como psicólogos, observarmos o papel que será atribuído à Psicologia. É importante entender se as queixas escolares serão atribuídas por problemas que ocorreram durante a pandemia ou se são decorrentes de um sistema escolar público que há muito tempo está falido e não olha o aluno em sua totalidade. É necessário observar se os problemas atuais e os existentes são frutos do isolamento social e também observar todo o contexto onde o sujeito está inserido. Não podemos aceitar que o hiato deixado pela pandemia seja resposta para todos os problemas que acontecerão nas escolas daqui pra frente, Maria Cristina Kupfer, em entrevista concedida à Folha de São Paulo (2020), prevê que enfrentaremos grandes questões emocionais nas escolas, como psicólogos, essa questão precisa ser consideradas, mas ela entra como mais um fator a ser analisado na rede pública, de acordo com a entrevista das professoras de Carapicuíba, as crianças já trazem na bagagem questões que são alheias a pandemia, o distanciamento, foi apenas uma forma de evidenciá-las.

Outro grande desafio, será pensar como a orientação à queixa escolar será organizada daqui pra frente, pelas entrevistas colhidas, nas escolas públicas, aparentemente os problemas escolares não tem relação direta com a pandemia, esses alunos já trazem suas demandas, a pandemia só agravou o que já era difícil. Se o acesso ao mundo digital fosse a realidade desse público, seria uma oportunidade de conhecer, em alguns casos, a dinâmica das famílias. Mas sem acesso, como essas famílias e suas crianças serão atendidas ou encontradas?

Em “Apresentando a Orientação à Queixa Escolar”, Beatriz de Paula Souza (2007) afirma que:



O contato com os educadores no espaço da escola tem-se mostrado importante, pois revela aspectos do ambiente que uma conversa por telefone ou no local do atendimento não revelaria. Assim, podemos perceber indícios sobre o ambiente escolar (SOUZA, 2007).

Essa agora, me parece uma questão delicada, pois o ambiente escolar tornou-se múltiplo. E qual ambiente vamos analisar, o físico pós ou anterior a pandemia, ou o ambiente virtual, que pode continuar sendo o espaço físico da escola, a casa do professor, a tela do computador, o celular? Temos ambientes diversos e precisamos analisar a dinâmica de cada um deles.

Temos pouco tempo para repensar essas práticas e ajustar a nossa teoria, mas ainda não fica claro, quais são as estratégias do Estado para reparar esse período sem aula e também o que será feito se realmente as aulas presenciais ficarem suspensas até o final de 2021. O óbvio é que os representantes da educação pública, não sofrem apenas com a falta de recursos, há um desconhecimento geral sobre as questões básicas de seus principais clientes. É compreensível que pelo tamanho da estrutura da rede pública a organização seja mais difícil e chegar a todos os cantos do Brasil é um processo que pode demorar, mas muitos recursos foram desperdiçados porque os Estados brasileiros não tinham a dimensão do tamanho da pobreza enfrentada por esses alunos. Tanto em Salvador – BA, quanto na escola da periferia de Carapicuíba- SP, alguns alunos receberam um *kit* de internet, mas não tinham onde usar, ou seja, regiões diferentes, mas com o mesmo tipo de problema,

As duas escolas públicas de São Paulo, relataram que os alunos estão recebendo auxílio alimentação, assim como muitas outras do Brasil. É realmente algo para se pensar, o que está acontecendo com as nossas escolas públicas? Quem olha e como olham para os alunos, principalmente para aqueles que apresentam baixo desempenho? Aparentemente, na pandemia, as estratégias adotadas por muitas escolas públicas brasileiras, garantem apenas a hora da merenda, não há um plano de recuperação para essas aulas perdidas e nem uma estratégia de retorno às aulas presenciais que sejam adequadas a nossa população de estudantes. A impressão que se tem é que os governos, pelos menos os pesquisados, se saíram muito bem ao sanar a questão com a alimentação. Mas vemos um despreparo e uma falta de conhecimento sem tamanho ao tentar dar uma solução quando a questão é pedagógica. Não foi apresentado nos materiais analisados nenhuma proposta que fosse generosa e incluísse



todos os alunos. Mais uma vez, o aluno sem recurso, fica de fora. Fica evidente, que o trabalho da Patto, ainda é muito atual, e que neste caso, nossas lideranças pretendem resolver as questões do fracasso escolar e todas as outras relacionadas à educação com um pacote de macarrão.



## 5 ANÁLISE COMPARATIVA E CONCLUSÃO

A organização da rotina escolar é um ponto que vale destaque nesta análise, as professoras da escola particular, tiveram um tempo para planejamento. Além disso, contaram com o forte aparato tecnológico oferecido pela escola, que ajudou na rápida adaptação da grade curricular para o novo modelo de ensino, resultando em pouca perda de conteúdo para os alunos. As professoras de Carapicuíba, não mencionaram como foi essa adaptação, mas podemos afirmar que de nada adiantaria todo esse esforço, se grande parte dos alunos não têm condições de acessar ferramentas digitais.

A forma de avaliação dos alunos das escolas públicas não é assertiva, já que depende da devolução do material impresso, alguns conseguem fazer a devolução das atividades por WhatsApp, outros não tem um aparelho de telefone móvel que comporte o aplicativo ou outras dificuldades relacionadas a tecnologia. O material impresso raramente retorna para escola. Segundo relato da professora Carmem, alguns pais, trabalham longe e não conseguem chegar na escola no horário estipulado para entrega desses registros, logo, a professora não consegue saber como está o desempenho da criança e se é necessário fazer algum ajuste no conteúdo. As provas que são aplicadas através do *Google Forms*, tiveram um retorno expressivo, mas há dúvidas se quem respondeu o formulário foram os próprios alunos.

Na escola privada, as professoras, parecem não sofrer com a falta de acesso tecnológico dos alunos, as avaliações são efetuadas de forma contínua diretamente no sistema, desta forma as questões pedagógicas são resolvidas de forma imediata. Além disso, muitos dos alunos contam com ferramentas digitais (como celulares e *tablets*) próprias, permitindo um acesso imediato ao material, sem a ajuda dos pais.

Neste ponto, é possível identificar o quanto as diferenças sociais afetam as crianças e também o professor que, por mais que se esforce, não consegue fazer o conhecimento chegar até o estudante - esse tipo de dificuldade não é sentida pelas professoras da escola privada.



Essa diferença no acesso tecnológico, nos faz pensar que, futuramente, essa distância social e a qualidade de aprendizado será ainda maior entre essas crianças.

A queda no desempenho dos alunos é sentida nos dois universos. Os alunos da rede privada contam com aulas de reforço para algumas disciplinas. As avaliações, aparentemente, foram mais estruturadas, pois a escola sabia como e o que avaliar. A falta de interação social foi sentida por esses estudantes, mas a escola faz um trabalho de acolhimento, e conseguiu promover, uma vez por semana, momentos de convívio entre alunos e professores. Na rede pública, em alguns casos o professor tentou algum tipo de estratégia para ajudar estudantes com dificuldades na aprendizagem, mas não obteve retorno, pois o aluno não tinha acesso às mídias necessárias. Outro ponto importante foi o engajamento familiar, alunos que contavam com esse apoio seguiram com os estudos, mas eram a minoria. Apesar do esforço em motivar a turma, as professoras da rede pública se deparam com questões de vulnerabilidade muito sérias, como a falta de alimentação e familiares que não resistiram ao vírus.

A família foi outro ponto em comum citado pelas professoras de ambas as redes: as famílias que já estavam envolvidas com a educação dos filhos, mantiveram esse importante papel. No entanto, boa parte das famílias não conseguem suprir mais esta demanda em suas rotinas: um elemento em comum são alguns alunos dessas escolas, públicas e privada, que não estão em seus lares por conta da rotina de trabalho dos pais. Crianças da escola pública ficam com algum cuidador ou avós, os alunos da rede privada, além dos avós, neste período de isolamento social, mudaram-se para alguma cidade do interior ou foram para algum resort de férias, assim ficaram impossibilitados de acessar os meios tecnológicos. Os alunos da rede privada, ainda podem contar com a ajuda de suas babás ou funcionárias domésticas. Na escola pública, as professoras não citaram quais são as outras formas de auxílio que essas crianças poderiam contar neste momento de ensino à distância, mas alguns alunos não podem contar com a ajuda dos próprios pais, pois em alguns casos estes não são alfabetizados ou a criança apresenta um grau de instrução maior.

Não podemos desconsiderar, as questões emocionais das crianças que estudam na escola de Moema, as professoras citaram a ansiedade e a depressão como os grandes ofensores neste período de isolamento e mesmo com as ações da escola o problema não se



resolveu. Além disso, o ambiente virtual promoveu o surgimento de eventos de *cyberbullying* e desânimo frente à tela do computador.

Não temos esses dados para os alunos da rede pública, além da falta de motivação e baixo desempenho, as professoras não destacaram nenhuma questão emocional envolvida neste processo, talvez a falta de contato por falta de acesso tecnológico não permitiu esse tipo de análise. Mas entendemos que, talvez, entre esses estudantes a vulnerabilidade esteja entre as principais causas do baixo aproveitamento escolar neste período.

O apoio da escola foi fundamental para o sucesso dos alunos e dos professores, mas infelizmente as professoras da rede estadual, não desfrutaram deste mesmo sucesso, não contaram com nenhum tipo de preparação no início da pandemia e sabem que qualquer estratégia para melhorar o desempenho dos alunos terá de ser executada sem ajuda da escola ou governo.

Os alunos menos favorecidos, mais uma vez, ficam para trás, até o apoio tecnológico oferecido para algumas famílias, não foi suficiente para que o estudante conseguisse fazer uma avaliação no *Google Forms*. Aqui, diferente do que vimos no colégio privado, faltou um planejamento rápido e eficaz e não vemos, pelo menos nessas duas escolas, nenhum tipo de apoio para que a situação melhore.

Chamou muito atenção o tom de desânimo em algum dos áudios enviados por uma dessas professoras, que falou sobre a falta de alimentação das famílias e algumas situações de violência. Ela leciona há mais de 30 anos e não vê perspectivas de melhoras na rede pública. A situação do aluno periférico é muito precária e ainda carrega situações de abuso ocorridas no próprio lar. O que será desses alunos que não tem mais a escola como destino de fuga?

O ensino à distância traz outras questões para os alunos pobres que fogem dos aspectos educacionais oferecidos pelas escolas. Uma das grandes diferenças entre o desempenho dos alunos pode ser visto na preparação e estrutura oferecidos pelas escolas: não houve na escola pública tal agilidade e nem interesse em pesquisar se os alunos estavam preparados para suportar o novo modelo de ensino.

Essa diferença tão grande na aplicação dos conteúdos e a falta de resultados por parte das escolas públicas, considerando apenas essas duas entrevistas, nos faz acreditar que, mais uma vez, a consequência do fracasso escolar cairá na conta dos alunos.



Não ouvimos em nenhuma das entrevistas o governo ou as escolas serem responsabilizados pela falta de acesso tecnológico, falta de devolução dos materiais, uma avaliação justa ou um planejamento escolar adequado para este momento. Mas o que fica claro é que a rede quer responsabilizar as famílias pelo sucesso ou pelo fracasso e exime-se da sua responsabilidade.

As famílias foram reverenciadas em todas as entrevistas, mas somente as famílias “boas”. O aluno que vai mal não conta com ajuda da família, citam até algumas justificativas para essa falta de apoio, mas não falam quais são as estratégias do governo, da escola ou do próprio professor para atender esse público órfão. E neste caso, com quem fica a culpa do fracasso escolar?

Não é intenção deste trabalho justificar o fraco desempenho dos alunos com a falta de competência do professor. Entendemos que, neste momento, todos foram surpreendidos com essa nova forma de ensinar e apreender e entendemos que essa classe também sofre com a falta de acesso à tecnologia, formação tecnológica e uma série de questões materiais e emocionais, assim como a falta de valorização da profissão. No entanto, incomoda perceber que, em boa parte das entrevistas, o docente, neste momento, só consegue visualizar a família como a causadora de danos no desempenho das crianças.

Mais uma vez, o aluno de baixa renda será penalizado pela falta de comprometimento e competência de terceiros. Mais uma vez, ele fica para trás... fica no meio de uma queda de braço, onde as forças existentes estão presentes somente para derrotá-lo. O aluno periférico e pobre, com ou sem pandemia, vive eternamente naquela brincadeira da “Batata-Quente”, onde quem termina com a batata na mão, sai ou recomeça o jogo passando o problema para o próximo. E quem resolve o problema?

Notamos que os problemas nas escolas públicas continuam os mesmos. A falta de tecnologia e a pandemia são só mais algumas das variáveis que futuramente serão utilizadas para justificar o fracasso dessa geração de estudantes.



## 6 REFERÊNCIAS

PATTO, Maria Helena S.(1997). **A família pobre e a escola pública**: anotações sobre um desencontro. In Maria Helena S. Patto (Org.), Introdução à psicologia escolar (3a ed., pp. 281-296). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

PATTO, Maria Helena S. (2000). **Para uma crítica da razão psicométrica**. In Mutações do cativo: escritos de psicologia e política (pp. 65-83). São Paulo, SP: Hacker Editores/Edusp.

PATTO, Maria Helena S.(1997). **Produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. SP.: casa do Psicólogo. Cap.; O modo capitalista de pensar a escolaridade.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas , v. 13, n. 1, p. 179-182, June 2009 .

SOUZA, Beatriz de Paula. Apresentando a Orientação à Queixa Escolar. In SOUZA,B.P. **Orientação à Queixa Escolar** (Org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, 1.a. Ed., p. 97-118.

ÍNDICE de Desenvolvimento Humano. **Mundo Educação**, 2020. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-que-indice-desenvolvimento-humano-idh.htm>>. Acesso em: 29/11/2020.

APRENDIZADO nas Escolas: Carapicuíba. QEdu, 2020. Disponível em <<https://www.qedu.org.br/cidade/1750-carapicuib/explorar?grade=5&discipline=1&dependece=0&zoom=2&sort=performace&sortDirection=asc&visualization=isotope>> Acesso em: 27/11/2020.

CARAPICUÍBA entre as cidades com menor índice de violência. Cidade de Carapicuíba, 2015. Disponível em



<<http://www.carapicuibasba-entre-as-cidades-com-menor-asndice-de-violaoncia#:~:text=O%20c%3%A1lculo%20para%20chegar%20a,Carapicu%C3%ADba%20aparece%20com%2010%2C38>>. Acesso em: 27/11/2020.

CIDADES e Estados. **IBGE**, 2020. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp.html>> Acesso em: 27/11/2020.

CIDADES e Municípios Brasileiros. **Cidade Brasil**, 2020. Disponível em <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-carapicuibasba-entre-as-cidades-com-menor-asndice-de-violaoncia#:~:text=O%20c%3%A1lculo%20para%20chegar%20a,Carapicu%C3%ADba%20aparece%20com%2010%2C38>> Acesso em: 27/11/2020.

MEC autoriza aulas não presenciais até dezembro de 2021. Disponível em:<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-12/mec-autoriza-aulas-nao-presenciais-ate-dezembro-de-2021>>. Acesso em 13/12/2020.

SP anuncia contratação de mil psicólogos para alunos e professores. Disponível em:<https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/09/02/sp-anuncia-contratacao-de-mil-psicologos-para-alunos-e-professores.htm>>. Acesso em 13/12/2020.

GOVERNO DE SP anuncia contratação de mil psicólogos para atender alunos e professores da rede pública na pandemia. Disponível em:<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/02/governo-de-sp-anuncia-contratacao-de-mil-psicologos-para-atender-alunos-e-professores-da-rede-publica-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em 13/12/2020.

EDUCAÇÃO PÚBLICA edital para a contratação de psicólogos. Disponível em:<http://www.casacivil.sp.gov.br/educacao-publica-edital-para-a-contratacao-de-psicologos/>>. Acesso em 13/12/2020.

COM ESCOLAS FECHADAS, maior perda é nas relações entre as crianças, diz psicanalista. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/com-escolas-fechadas-maior-perda-e-nas-relacoes-entre-as-criancas-diz-psicanalista.shtml>>. Acesso em 13/12/2020.



Webinar EP 26: O Parecer do CNE sobre a Interrupção das Aulas (Com Maria Helena Guimarães). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jAEI62tS2uw&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=jAEI62tS2uw&feature=emb_title)> Acesso em 25/09/2020

Webinar EP 30: Como Limeira e Ibirama estão Reorganizando as Redes de Ensino? (com Secretários). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8V\\_WeyAaMSM&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=8V_WeyAaMSM&feature=emb_title)> Acesso em 02/10/2020

Webinar EP 38: Como Almirante Tamandaré e Caçu estão Reorganizando as suas Redes de Ensino?. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=d7veulBqwIA&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=d7veulBqwIA&feature=emb_title)>. Acesso em: 02/10/2020

Webinar EP 46: Como Camaçari e Niquelândia estão Reorganizando suas Redes de Ensino? (com Secretários). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yX6Ep7JtG4U&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=yX6Ep7JtG4U&feature=emb_title)> Acesso em 10/10/2020

Webinar Ep 51: Como Guarda-Mor e São Gonçalo do Abaeté estão Reorganizando as suas Redes de Ensino?. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ybax1P6Rwd8&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=ybax1P6Rwd8&feature=emb_title)> Acesso em 23/10/2020

Webinar EP 57: Como Salvador e Três Marias avançaram na criação dos protocolos de retomada das aulas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=mvE8wOPy56c&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=mvE8wOPy56c&feature=emb_title). Acesso em 23/10/2020

Websérie boas práticas da gestão: Vacaria/RS e Crateús/CE. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=DC6NKjAYSZQ&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=DC6NKjAYSZQ&feature=emb_title)> Acesso em 20/11/2020



Websérie boas práticas da gestão: São José da Laje (AL) e Apucarana (PR). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=j3\\_eucYHSIQ&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=j3_eucYHSIQ&feature=emb_title)> Acesso em 20/11/2020

Videoconferência: Boas práticas: São José de Princesa/PB e Espigão do Oeste/RO. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=v\\_YInH7MOEY&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=v_YInH7MOEY&feature=emb_title)> Acesso em 22/11/2020